

Sarney denuncia "terrorismo moral"

Depois de um longo período sem fazer discursos no plenário do Senado, o senador José Sarney (PMDB-AP) quebrou hoje seu silêncio. Num discurso duríssimo, Sarney protestou contra o "terrorismo moral", que estaria na sua opinião, ameaçando o Brasil. O ex-presidente da República rebateu as acusações que o envolvem em supostas irregularidades, publicadas pelo *Jornal do Brasil*, e disse que elas são parte de uma campanha pessoal que vem sendo orquestrada: "Estou pagando o alto preço do reconhecimento popular. A calúnia, a injúria e a difamação têm sido sistemáticas e orquestradas, como uma campanha de destruição", desabafou, bastante irritado e diante de um plenário lotado por parlamentares de diferentes partidos.

Depois de Getúlio Vargas, que ocupou a tribuna do Senado duas vezes para defender-se, Sarney lembrou que é o primeiro ex-presidente da República a repetir o gesto.

"Impus-me três anos de silêncio. Tentei ficar na sombra. Vacilei em voltar ao cotidiano da política. Mas a vocação mais alta da causa pública venceu-me. Venho a esta tribuna movido por uma vontade: meu dever para com o Brasil e minha obrigação de defendê-lo", justificou.

Defeitos - Sarney afirmou que sofreu sempre uma campanha muito intensa e foi até perseguido justamente por suas posições políticas: "Nunca me faltou, ao longo de toda a minha vida política, nos momentos em que enfrentei desafios, coragem cívica e bravura pessoal. É incapacidade minha ter ódios. Deus me deu as virtudes da paciência, do equilíbrio, da tranquilidade. Muitas vezes, elas foram consideradas defeitos e fui julgado mais por elas do que pelos defeitos, que todos temos. Ninguém neste País foi mais julgado do que eu. Rompi com o PDS num momento dramático e todas as ameaças me foram feitas. Vasculharam a minha vida e sabe Deus os momentos que passamos eu e minha família".

O ex-presidente disse que o objetivo de todo esse processo era desestabilizar o seu governo, apesar de ele lembrar que tinha

CARLOS MOURA



Sarney de volta à tribuna: condenando denúncias sem provas nem fundamentos que criam "terrorismo moral"

tomado iniciativas extremamente liberais, como a legalização dos partidos clandestinos, a liberação do movimento sindical e a própria autorização para a criação das centrais sindicais. "Assumi a Presidência da República. Não me deram trégua. Meu governo não podia ter sucesso. Forças organizadas declararam que iam desestabilizá-lo e assim tentaram. Foram 12 mil greves", protestou.

Sarney lembrou que foi criada uma CPI para que se investigasse a corrupção no tempo do seu governo e que ela foi extremamente política e agressiva: "Criou-se uma comissão de inquérito para investigar se havia corrupção no Governo. Nunca se viu uma comissão tão violenta e agressiva. Em nenhum momento tentei interferir nos seus trabalhos. Minha filosofia era uma só: apurar o que tiver de apurar. Quem tiver culpa que pague pelos seus pecados. Todas as conclusões foram arquivadas pela Câmara dos Deputados e pelo Supremo Tribunal Federal porque nenhuma delas constituía crime de responsabilidade. É necessário observar que em nenhum trecho dessas conclusões existem acusações ao presidente que não sejam de teor político. Nada de corrupção ou mal versação de recursos públicos".

Collor - Os "ataques devastadores" que sofreu por parte do ex-presidente Collor também fo-

ram referidos por Sarney: "No governo Collor eu, meus filhos, meu genro e nossas empresas sofremos uma verdadeira devassa, e ninguém sabe porque nunca utilizei isso politicamente. As nossas empresas sofreram mais de oito fiscalizações de diversos órgãos, além de uma discriminação que mostra o ódio que nos devotavam. Numa recomendação especial às agências de publicidade, dois veículos não podiam receber publicidade oficial: *O Estado do Maranhão* (pertencente ao ex-presidente e a *Folha de S. Paulo*".

Sarney acha que os ataques que vem sofrendo são injustos e que merecia mais respeito por tudo o que fez pelo País. "Não há ninguém neste País mais investigado do que eu. Portanto, nada tenho do que me defender. De nada, de nenhum tipo de conduta, porque tenho uma vida de dedicação ao País e devia merecer respeito. Estou aqui para ajudar o Brasil e não para desestabilizá-lo. Mas não posso aceitar esse processo no qual tenha que adotar qualquer conduta política intimidado pelo terrorismo moral, este que é pior do que o terrorismo físico. Que mutila, mata, destrói o corpo, enquanto o outro destrói a alma, a reputação, passa para os filhos e mergulha no tempo. É esse que não podemos deixar que se instale neste País", advertiu.

Desonra - Bastante emocionado, Sarney anunciou que não rea-

girá com o silêncio a possíveis futuros ataques políticos. "Que democracia estaremos construindo se os homens honrados se submeterem ao tribunal da desonra nacional, com medo dos ressentidos, dos curtidors no ódio dos interesses contrariados, dos bandidos, e que o certificado de boa conduta seja passado pela penitenciária ou pela deserção da vida pública? Eu não me submeterei ao tribunal da desonra nacional pelo medo. Ninguém vai me intrigar com a minha Pátria".

O senador citou as pesquisas de opinião que o colocam como o melhor presidente da história do País e afirmou que não pediu a ninguém que incluísse seu nome nas listas de presidenciáveis.

Terrorismo — Após uma manifestação de louvor à liberdade de imprensa, Sarney revelou que entrou na Justiça, com processo por danos civis, contra o *Jornal do Brasil*, que vem publicando uma série de reportagens a seu respeito. Ele atribuiu a campanha ao fato de ter-se negado, quando presidente, a aprovar "a condições inaceitáveis" propostas pelo jornal para saldar suas dívidas junto ao Banco do Brasil.

O ex-presidente terminou o discurso, que se prolongou por uma hora, voltando a protestar contra o "terrorismo moral" instalado no País. Foi aplaudido de pé pelos parlamentares presentes ao plenário do Senado.